

REFLEXÕES SOBRE ARTE E GÊNERO: A DIFÍCIL ARTE DE EXPOR ARTISTAS FEMININAS.

¹Rogério Delbone Haddad; ²Andreia C. Siqueira; ³Maria I. D. Haddad

¹Universidades Tiradentes /Aracaju e Instituto Federal de Educação de Rondônia

^{2,3}Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

O trabalho aborda a temática, sobre as dificuldades de expor mulheres artistas no mundo do trabalho e tem como objetivo compreender essas dificuldades e como encontrar nos dias atuais essas realidades muitas vezes multifacetadas. Serão analisados e considerados os vários fatores históricos no decorrer dos principais acontecimentos dos últimos séculos. Para a fundamentação teórica destacam-se, para a compreensão desta trajetória Simioni (2013), Beavoir (1970), Amaral (2016), Vieira (2005), Vefago (2017), Arruda (2017) e Lima (2017). Será apresentado de forma sucinta, as transformações e quebra de paradigmas através de eventos que representaram as obras e artistas femininas, fazendo com que alguns artistas conseguissem lugar nas exposições e reconhecimento de seu trabalho, destacando desta forma grandes nomes que foram pioneiros, abrindo espaços para tantas outras.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Artistas, Desigualdade de Gênero, Representatividade.

1. Introdução

No presente trabalho busca-se analisar o processo de transformação e as rupturas ao longo da história em relação a artistas mulheres, que encontra uma resistência em expor suas obras, uma vez que há uma desigualdade de gênero, que prevalece sobre essa temática, dificultando o reconhecimento feminino no mundo da arte. Sobre esse prisma destaca Simioni (2008, p. 29)...

Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. Os interessados formavam-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde adquiriam os conhecimentos necessários para se tornarem artistas e, posteriormente, viverem de suas classes e das encomendas oficiais e privadas, que vez por outra, aconteciam. As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadora”.

Reverendo a trajetória sobre a vida de mulheres artistas nos últimos anos, achou-se importante, a questão sobre a exposição exclusivamente feminina apontando os pontos críticos que

ainda precisam ser refletidos em relação à arte feminina, bem como as estratégias para a emancipação e autonomia da carreira feminina no campo das artes.

Ao descrever por exemplo, cada módulo de *Ellos Simioni* (2013), vai contextualizando a representatividade de cada agrupamento de obras, bem como apresenta uma reflexão sobre o contexto histórico e as principais artistas de cada período.

O estudo apresenta também algumas representantes da arte nacional, nas artes plásticas e no teatro, apresentando-as no contexto de destaque na Semana da Arte Moderna, onde suas carreiras se destacam junto a artistas do sexo masculino; ponto central na discussão de Simioni (2013) e o legado que elas deixaram no contexto histórico da história da arte.

Elencar o poder da representatividade para os avanços e permanência das artistas femininas no mercado de trabalho e destacar as que conseguiram êxito em suas carreiras, mesmo no contexto dominado pela ideologia masculina é fundamental para a emancipação da mulher artista.

2. A Mulher e a arte

A Mulher no cenário das artes por diversos desafios em um cenário dominado pela figura masculina, tanto pela exclusão em relação às obras femininas produzidas, quanto ao papel para qual a mulher era idealizada.

Em Arruda (2013 p.124) aborda a figura da mulher dona de casa extremamente delicada, na figura de mãe, avós, amigas e amantes, com uns papéis centrados nas atividades do lugar e submissas, as figuras masculinas mais próximas como pai, amante ou marido.

O contexto doméstico é tão forte que influenciou até artistas femininas como, Martha Rosler e Laurie Simmons, que até as intervenções do potencial crítico das técnicas apropriativas, levando-as a intervir nas imagens ou objetos originais, com montagem, justaposição, fotografia, utilizado para intensificar o efeito desestabilizador da apropriação, visando transformar a forma como eles “são geralmente apreendidos e explicitavam as representações como construtos culturais representativos.” (ARRUDA, 2013 p.124)

Em contraponto a visão padronizada do papel da mulher começa-se a criticar essa figura de dona de casa.

Diante das fragilidades e limitações das possibilidades de se abordar essa temática, sugere-se que a crítica aos valores que circundam o papel da mulher no contexto doméstico não deve ser separada de uma problematização da noção de mulheridade, ou seja, da explicitação da categoria do sujeito mulher e de gênero como construto. ((repertório imagético cultural) (ARRUDA, 2013 p.124).

A partir dos anos de 1970- 1980, com a solidificação da crítica, historiográfica e da prática artística feminista norte americana e europeia foram introduzidas no campo das artes os debates sobre as representações feministas de mulheres, os quais incitaram questionamentos e controvérsias acerca das retóricas e efeitos suscitados pelo repertório imagético.

Nesse contexto afirma Simioni (2011 p.13) que muitas autoras e artistas voltaram a essa questão indagando como deveriam ser as representações feministas de suas obras, o motivo incide criticamente nas imagens esteotípicas propagadas na cultura e que forma seria possível à produção, sustentação e legitimação da categoria e do sujeito “mulher” (universal, fixo, unitário e identitário), bem como heterossexualidade compulsória que a matriz sexo/gênero.

Ocorre também uma desconstrução discursiva de “mulher” como categoria unívoca e homogenia, a partir da década de 1980 com as discussões acerca das diferenças entre as “mulheres negras/e pobre, entre outras, por um sujeito político” que ademais, tendia a ser branco, de classe média e heterossexual.

Essa fragmentação da “unidade mulher” abriu caminhos para a desestruturação da organização hierarquia dos marcadores “sociais muitas vezes remontada” nas políticas feministas. (ARRUDA, 2013 p.125)

Neste contexto se solidificam as reformulações críticas das políticas de identidade, que objetivam criar novos modelos de organizações capazes de abordar, de uma maneira atualizada, as crescentes reivindicações feministas, com debates que possam aderir o contexto jurídico, filosófico e linguístico.

3. Contexto das exposições de arte feminina

Na difícil arte de expor mulheres artistas, a análise dos estudos sobre as relações entre a arte e gênero realizadas no ambiente acadêmico finalmente foram capazes de gerar no campo das instituições artísticas. As primeiras inquietações se deram a partir de 1970, com o celebre artigo de Linda Nochlin *Why there been no greatest womem artists*, no qual a autora indagava-se sobre as causas da aparente inexistência das mulheres na história.

Ao demonstrar tais lacunas “naturais” de talentos, mas sim da exclusão feminina das principais instâncias de formação de carreiras artísticas ao longo dos séculos XVIII e XIX nas academias de arte.

E algumas produções acadêmicas que passaram a mobilizar as produções artísticas, sua história e os limites da historiografia da arte tradicional, mesmo sendo tratadas de modo desigual em relação aos homens, como afirma Simioni (2013 p.12).

O universalismo da diferença prevaleceu sobre o dos direitos naturais, a ponto do indivíduo abstrato não ser neutro, mas masculino; outro oculto que são as mulheres. (SIMIONI, 2013 p.17).

As cidades europeias que tem notória relevância e prestígio alocadas nas duas maiores metrópoles da arte moderna do século XX foram Paris e Nova Iorque, que quase ao mesmo tempo, produziram exposição e um vasto estudo sobre as obras dos artistas mulheres de suas coleções em si, uma resposta concreta e positiva às proposições, indagações entre gênero e arte e vem sedimentando há algumas décadas. (BROUDE & GARLAND, 1982; POLLOCK, 1994 a e b *apud* SIMIONI 2013 p. 123).

É interessante notar que, em 2010, com apenas um ano de diferença, “o Moma de Nova Iorque lançou o livro *Modern Women* (Butler e Schwartz, 2010), dedicado ao levantamento, análise e compreensão das obras de mulheres artistas em sua coleção. Ainda que a publicação não resulte de uma exposição, mas sim de um projeto de pesquisa, a sincronia é reveladora”. (SIMIONI, 2013 p.03).

O catálogo que será discutido é composto por uma introdução para cada um dos módulos assinados por um curador responsável, ao que segue um conjunto de obras escolhidas da questão abordada, de forma a não esgotar todas aquelas presentes na exposição e ao final, uma serie de 15 ensaios e documentos sucintos que permitem recuperar histórica e teoricamente os debates sobre arte e gênero.

A amostra procurou suscitar um vasto programa pluridisciplinar de discussões sobre as complexas relações entre gênero e arte no campo da história da arte, com as exposições as femininas.

Além dos debates promovidos pelo museu em seu site (vídeo, histórico e contemporâneo, entrevista com artistas, textos críticos e manifestações, etc.); trouxe as bases teóricas que alicerçam as escolhas, amparando e sustentando o gênero como critério possível e instigante de indagação.

“Ao mesmo tempo em que não se furta a enfrentar um evidente dilema a fim de dar visibilidade às mulheres artistas optou-se por autonomizá-las em função de algo comum, seu pertencimento ao mesmo sexo, com isso não se incorre no perigo de suscitar a falaciosa crença na existência de uma sensibilidade, uma plástica, um espírito comum a todos?”. (SIMIONI, 2013 p.05) Ou em outras palavras, se estaria revisitando o fantasma de uma arte feminina.

O destaque da arte feminina no Brasil tem ênfase a partir do modernismo; também conhecido como movimento modernista; sendo representado como o conjunto de movimentos culturais escolares e estilos que permearam as artes e o design da primeira metade do século XX.

As exposições ocorreram em diversos lugares em São Paulo, ela pode ser vista no Museu de Arte Moderna, nas Bienais (e também em outras formas de exposições).

A arte feminina foi representada nas artes plásticas por Tarcila do Amaral, Anita Malfit e Djanira Motta e Silva; no teatro os destaques foram: Bibi Ferreira, Cacilda Becker, Dulcina de Moraes, Eva Wilma, Fernanda Montenegro, Glauce Rocha, Itália Fauta, Leila Diniz, Leila Abramo, Maria Clara Machado, Maria Della Costa e Ruth Escobar.

5. Considerações Finais

A partir do contexto histórico apresentado, dar-se a necessidade de se criar novas metodologia de análise que levem em consideração as críticas feministas, a políticas identitárias, bem como as próprias vertentes do ativismo feminista que devem buscar novas formas maneiras de se organizar politicamente (dissociadas das políticas identidade) buscando um pensar emancipatório.

Assim fomenta-se a necessidade de se acompanhar a multiplicidade e as constantes transformações das questões feministas, com ênfase no potencial crítico da apropriação de imagens de mulheres artistas, Simioni (2013), sugere como instrumento eficaz, o próprio trabalho dos mestres, com a superação das primícias identitárias e a autonomia.

Referindo-se a difícil “Arte de expor a arte feminina” a autora resenha e elenca a importância dos debates, exposições com artistas dos dois gêneros para a minimização do preconceito e da discriminação das obras de artes feminina, buscando ressalvas contra o modelo de exposição proposto pelos museus.

Como vimos diversas artistas (artesãs, pintoras, fotografas) deixam seu legado, ao construírem sólidas carreiras em um universo machista e autoritário inspirando artistas mulheres até os dias atuais.

Hoje também essas artistas tem o desafio da constituição identitária a partir das novas práticas discursiva em luta constante aos ideários produzidos pela economia globalizada, onde a tecnologia e a mídia tornam os agentes de fragmentação da mulher.

6. Bibliografia

AMARAL, Tarcila. **Os grandes pintores modernistas brasileiros**. Acessado em: 16/05/2017. Disponível em: www.webartigos.com.br

ARRUDA, Lima Alves. **Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação**. Acessado: em 16/05/2017. Disponível em: www.webartigos.com.br

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1970.

LIMA, Marcia Cirne. **Transposição didática da arte contemporânea: desafios e soluções**. Acessado: em 16/05/2017. Disponível em: www.webartigos.com.br

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **A difícil arte de expor mulheres artistas**. Cadernos PAGU (36). Janeiro-junho de 2013: 375-388.

VEFAGO, Maíra. **Da cabeça da palavra ao pé da letra**. Acessado: em 16/05/2017. Disponível em: www.webartigos.com.br

VIEIRA, Maria. **A identidade da mulher na modernidade**. Delta vol. 21. No.Spe: São Paulo, 2005. Acessado: em 16/05/2017. Disponível em: www.webartigos.com.br